

SABERES E CORPOS INSURGENTES A potência das corpoéticas periféricas

Salvio Fernandes de Melo¹

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo dissertar sobre os saberes e corpoéticas que insurgem contra um sistema-mundo hegemônico que dita normas e sentencia povos à marginalidade e à colonialidade. Nesse sentido, há uma hegemonia epistêmica e estética norte-global que domina o campo da arte e da cultura, definindo o que é arte, ou o que é cultura, indicando quem pode, ou não, produzir artisticamente, ou fazer parte do mercado de arte. Em muitos momentos, esses saberes corpoéticos se originam na vida e no fazer artístico de mestres (as) da cultura popular afro-brasileira, e com caciques e artistas indígenas, ou nas ações de artistas e grupos de matrizes africanas e indígenas. Ações artísticas ou culturais que fazem parte da vida e cotidiano do seus executores, e que também estão relacionadas ao mundo do trabalho com o mundo do trabalho. Para tanto, apresentamos o conceito de corpoética, suas origens e definições, assim como procuramos descrever o conceito de insurgência como projeto político e ativista.

Palavras chaves: Corpoética, Corpoema, Saberes, Insurgência, Periferia.

INSURGENT KNOWLEDGE AND BODIES: The power of peripheral corpoethics

ABSTRACT

This article aims to discuss the knowledge and corporatives that arise against a hegemonic world-system that dictates norms and sentences people to marginality and coloniality. In this sense, there is a North-global epistemic and aesthetic hegemony that dominates the field of art and culture, defining what is art, or what is culture, indicating who can, or cannot, produce artistically, or be part of the art market. In many moments, these corporeal knowledge originate in the life and artistic work of masters of Afro-Brazilian popular culture, and with indigenous masters, or in the actions of artists and groups of African and indigenous matrices. Artistic or cultural actions that are part of life and everyday life, which are so related to the world of work. Therefore, we present the concept of corpoethics, its origins and definitions, as well as we try to describe the concept of insurgency as an action, a political and activist project.

Keywords: Corpoethics, Corpoema, Knowledge, Insurgency, Peripheral.

1 Graduação em Filosofia pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA (1996/2001), Mestre em Teoria da Literatura pela Universidade de Brasília - UNB (2004). Doutorado, em regime de Co Tutela, em Letras, Línguas e Artes do Espetáculos pela Université Paris Ouest Nanterre La Défense, Paris, França, e em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Londrina - UEL (2011). Professor Adjunto do Instituto de Humanidades (IH), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira / UNILAB.

SABERES E CORPOS INSURGENTES

A potência das corpoéticas periféricas

A periferia, que sempre foi lugar de gente trabalhadora e suspostamente ninho de violência, como querem as autoridades nos fazer acreditar, ganhava, à custa de sua própria dor e da sua própria geografia, uma nova poesia, a poesia das ruas. Uma poesia única, que nasce do mesmo barraco de Carolina de Jesus, que brota da panela vazia, do salário mínimo, do desemprego, das escolas analfabetas, do baculejo na madrugada, da violência que ninguém vê, da corrupção (...)

(Sergio Vaz, 2008)

I- APRESENTANDO O DEBATE

A primeira vez que o debate sobre a insurgência artístico-política de sujeitos e corpos periféricos, sobretudo, corpos negros, apareceu-me como perspectiva de estudo e ação foi a partir da leitura da obra *Vozes do Porão: A Literatura Periférica/Marginal no Brasil*, de Alejandro Reyes (2013). Nesse trabalho, o autor se debruça sobre o protagonismo insurgente de artistas e grupos, ou coletivos artísticos, que se organizaram e passaram a produzir arte, poesia, cultura e lazer, dentro das suas próprias comunidades ou localidades, consideradas como periferias pelo *status quo*, criando assim sarais e eventos culturais em favelas ou comunidades de grandes centros urbanos, como São Paulo, Rio de Janeiro, Recife e Salvador, e, ao mesmo tempo, contribuindo para a formação de novos/as poetas, poetisas, músicos/musicistas, cantores/as.

Essas mesmas periferias geraram soluções criativas e autônomas, ao longo das três últimas décadas, quanto à produção de sua própria arte e transformação cultural, como foram os casos do Sarau da Cooperifa e do Sarau do Binho, em São Paulo, ou o Sarau Bem Black, em Salvador. E, na maior parte do tempo, esses sarais e demais produções artísticas não tiveram apoio econômico ou político de agentes e órgãos públicos e de instituições privadas.

No entanto, nosso objetivo neste texto não é discorrer, exclusivamente, sobre os grandes sarais ou eventos culturais nas periferias do Brasil, ou falar das produções de poesias nos grandes centros urbanos, especificamente, mas sim analisar e dissertar sobre os saberes e corpoéticas que emergem e insurgem do processo de resistência e (re)existência contra um sistema-mundo hegemônico (Bernardino-Costa Maldonado Torres, Grosfoguel, 2020), que dita normas e regras e sentencia povos à marginalidade, à subalternidade e colonialidade. Nesse sentido, há uma hegemonia epistêmica e estética norte-global que domina o campo da arte e da cultura, definindo o que é arte, ou o que é cultura, indicando quem pode, ou não, produzir artisticamente ou fazer parte da indústria cultural (DURÃO; VAZ; ZUIN, 2008). Em muitos momentos, esses saberes corpoéticos se originam na vida e no fazer artístico de mestres e mestras da cultura popular afro-brasileira, nos mestres e mestras indígenas, ou nas ações de artistas e coletivos de matrizes africanas e indígenas. Ações artísticas ou culturais que fazem parte da vida, do cotidiano desses artistas, mestres e coletivos culturais, e que tanto se relacionam com o mundo do trabalho quanto podem vir a ser o próprio trabalho, a fonte única de renda e sobrevivência para muitos.

Este texto propõe um estudo preliminar, ainda em desenvolvimento, em torno dos saberes e corpos insurgentes e da potência das corpoéticas periféricas, na medida em que compõe um projeto de pesquisa maior, iniciado em 2021, no estágio pós-doutoral, pelo Programa de Pós-Graduação Multi-Institucional e

Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento (DMMDC) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), que trata de demonstrar as relações conceituais das produções corpoéticas das manifestações afro-brasileiras e indígenas com a crítica e o pensamento decolonial, enquanto projeto acadêmico-político; com o pensamento e modo de agir contra-hegemônico e o alinhamento com o pensamento e a filosofia africanas e contra coloniais; e com formas de pensar e fazer arte que insurgem e se rebelam contra um sistema-mundo modernidade/colonialidade dominante em termos políticos, econômicos, artísticos, culturais e ideológicos.

Desse modo, constata-se que, ao longo da história da humanidade, a partir do sistema modernidade/colonialidade, Corpos e vozes foram subalternizados e invisibilizados (SPIVAK, 2014), sobretudo, corpos e vozes negras, indígenas, amefricanas e ameríndias. Foram considerados como povos colonizados, transformados em escravizados e oprimidos e reprimidos ao longo do tempo. Tais civilizações e povos são os “condenados da terra”, como pensado por Franz Fanon em *Os Condenados da terra* (1961).

II - CORPOÉTICA, CORPOEMA E SABERES DO CORPO.

Tomo como referência os conceitos de corpoética e corpoema para referendar uma metodologia de pesquisa sobre o corpo artístico ou conceito poético dentro das manifestações e tradições afro-brasileiras e indígenas, nas artes do corpo realizadas nas ruas, nas periferias, nas praças e largos das cidades brasileiras. O ponto de partida para a adoção destes conceitos foram os estudos e pesquisas de Ivan Maia Mello, atualmente, professor efetivo do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências da Universidade Federal da Bahia (UFBA), condensados e apresentados no seu recente livro, *Corpoema: A vida como obra de arte* (2020). O autor objetivou “produzir uma interpretação filosófica do processo de autocriação, ou *autopoiesis*, do “corpo criador”, aqui chamado de “*corpoema*” (MELLO, 2020, p. 23, grifo do autor). O corpoema, ou “corpo criador”, surgem segundo o autor:

Da problematização filosófica de um dos grandes temas do pensamento de Friedrich Nietzsche, discutido ao longo de sua obra com diferentes formulações e considerado aqui como a questão da autocriação, processo no qual o ser em devir cria a si mesmo, definindo seu modo de existência – incluindo aí o modo de pensar, sentir, perceber, – a partir de seu corpo, que o Zaratustra, personagem do *Assim Falou Zaratustra* de Nietzsche considera como ser próprio e o chama de “corpo criador (...)” (MELLO, 2020, p. 23).

Entretanto, aproprio-me aqui dos conceitos de corpoema e corpoética pensados por Ivan Maia, porém tentando pensá-los e os aplicar de um modo diferente da proposta do autor. Dessa forma, tento trazer o conceito de corpoética para estudar e analisar vivências, performances artísticas, artes do corpo e tradições vivas de origem afro-brasileira e indígenas, levando em conta o conjunto de performances artísticas ou culturais produzidas pelos povos tradicionais a partir do próprio corpo, revelando danças, ritmos, teatralizações, poesia, gestos, lutas, religiosidade e ludicidade. Nesse sentido, pensamos as poéticas e performances nascentes do corpo negro, indígena, periférico, afro-indígena, como corpoéticas.

Nesse caso, propomos o entendimento de que a vida e a obra de arte estão complementemente conectadas e são inseparáveis, tendo em vista que partimos da análise de corpos que são trabalhadores(as) de muitas outras funções, em muitos casos, mas que, ao sair do trabalho, ou ao fazerem uma pausa de sua labuta familiar diária, transformam seu corpo em dança e ritmo, em música e poesia, em festa e em arte, cultuando e vivenciando suas tradições, memórias, trajetórias, seus contextos, origens, lugares, isto é, a própria condição social.

As ruas, as praças, os largos, os becos, os bares e os terreiros surgem como os palcos para essas corpoéticas serem realizadas e acontecerem. Corpoética e corpoema, portanto, no contexto das tradições vivas e dos povos tradicionais, no qual tentamos observá-las, não deve ser compreendidos exatamente como processo de “autocriação”, ou “autopoeisis”, ou de “autoeducação”, como nos propõe Ivan Maia, a partir do pensamento de Nietzsche, mas sim como o resultado ou consequência de um conjunto de manifestações artísticas, culturais e tradicionais ligadas ao cotidiano e à cultura popular, produzidas, sobretudo, por grupos ou coletivos artísticos e/ou culturais relacionados às matrizes africanas e indígenas. A corpoética, nesse contexto, diz mais sobre o coletivo, do que sobre o ser, ou o indivíduo, trata mais do fazer e do acontecer, da realização de algo que existe a partir de um grupo de pessoas, e que está conectado ao cotidiano de trabalho e de vida de cada membro desse coletivo.

Buscamos, nessa proposta, relacionar os conceitos de corpoética e corpoema a concepções filosóficas e bases epistemológicas ligadas ao pensamento e a filosofias africanas e afrodiáspóricas, ao pensamento e a filosofias latino-americanas, ao movimento decolonial, à concepção de *quilombismo* de Abdias Nascimento (1980), tendo como base os quilombos do período colonial e seu modo de vida contra colonial, apresentando uma estrutura comunitária baseada em valores culturais africanos, uma organização política democrática e de modelo econômico contrário do modelo colonial (NASCIMENTO, 1980).

Por meio desse conjunto de referências conceituais, podemos referenciar e basilar a perspectiva das corpoéticas insurgentes, decoloniais e contra-hegemônicas, realizadas por grupos ou coletivos negros, afro-indígenas, amefricanos e indígenas ao longo da história, compreendendo suas práticas culturais, suas performances culturais, suas corpoéticas ancestrais (MELO, 2021) como construções coletivas de resistência, que contribuem para a consolidação de suas identidades, resignificando assim a própria existência. Todos esses grupos foram identificados pelas forças coloniais e hegemônicas (norte-global) como periféricos, subalternos e sem história.

Podemos observar que as corpoéticas afro-brasileiras configuram uma estética da existência, na medida em que os brincantes cruzam ou elaboram seus modos de vida com a arte de viver, a partir dos sentidos presentes e lançados nas vivências que são levadas para o cotidiano, ou que existem a partir do cotidiano de cada indivíduo que compõem um coletivo, ou uma manifestação tradicional de matriz africana, como é o caso da capoeira, do tambor de crioula, do jongo, do samba rural; etc. Dessa forma, ocorre um “intercruzamento permanente entre vida e arte que se caracteriza por uma experiência estética e ética através de valores culturalmente compartilhados coletivamente por uma comunidade ou grupo” (MELO, 2021, p. 8).

Tal experiência estética e ética, fruto das corpoéticas afro-brasileiras e indígenas, está condicionada a cosmovisões e costumes tradicionais herdados e transmitidos de geração para geração, através da oralidade e da transmissão oral dos saberes, da observação, da escuta e da repetição como método de ensino-aprendizagem. E estas corpoéticas estão também fundamentadas na presença de um mestre ou mestra, de um sábio ou sábia, ou na presença das mais velhas ou dos mais velhos. E, no caso dos rituais e das tradições indígenas, como o Toré dos povos indígenas do nordeste do país, a presença das lideranças indígenas, pajé, cacique, tem o peso e a condição igual à da mestra ou mestre de uma tradição da cultura popular afro-brasileira. Portanto, as trajetórias e os saberes indígenas e africanos no Brasil estão atravessados por suas culturas, narrativas, histórias, rituais, crenças, produções artísticas, memórias e condições sociais, numa espécie de grande teia de elementos simbólicos e não simbólicos (NASCIMENTO, 2021) que constitui as corpoéticas de grupos ou coletivos artísticos e culturais que surgem a partir das heranças de matriz africana e indígena.

III - A INSURGÊNCIA, OS SABERES E OS CORPOS PERIFÉRICOS.

Compreendemos, nesse estudo, “periféricos” e “periferias” em dois sentidos; um mais amplo, isto é, como povos e grupos que foram considerados como pertencentes ao “terceiro-mundo”, às “periferias” do planeta, sentido definido, assim, pela sociedade colonial/capitalista europeia e norte-global dominantes; e outro no sentido mais restrito e específico do contexto sócio-econômico-político do Brasil. Quanto ao primeiro sentido, os povos terceiro-mundistas, sobretudo, povos negros, seja no continente africano, seja na sua diáspora pelo mundo, e indígenas das Américas e da Oceania, sofreram (sofrem) com escravização, assassinatos, marginalização e invisibilidade histórica. Sendo assim, há necessidade de um projeto epistêmico-político das populações negras e indígenas que seja decolonial, ou seja, que proporcione a elucidação histórica da colonialidade do poder, do ser; e do saber e “que contribua para pensarmos estratégias para transformar a realidade” (BERNADINO-COSTA; MALDONADO-TORRES; GROSGOUEL, 2020, p. 10).

De fato, devemos considerar que a decolonialidade se fez presente nos mais de 500 anos de luta das populações africanas, das populações afrodiáspóricas e das populações indígenas das Américas, em busca de liberdade contra o sistema modernidade/colonial e seus braços mais fortes, o racismo e o capitalismo (NDLOVU-GATSHENI; ZONDI, 2016).

Essa luta dos povos originários, seja na África, seja nas Américas, durante os últimos cinco séculos, tem no corpo sua sustentação fundamental. O corpo que guerreia, luta e resiste, o corpo político, o corpo engajado, o corpo militante, o corpo trabalhador, o corpo negro, o corpo indígena, o corpo feminino, o corpo performance, o corpo poema. A existência no mundo se define pelo corpo, pois corpo é devir e acontecimento. É corporalmente que nos fazemos ser-no-mundo, que nos definimos como seres sociais e como indivíduos. Com o corpo, foram realizadas guerras e barbáries mais terríveis da história, ao mesmo tempo em que é com ele que se realizam os espetáculos, os eventos culturais, as performances artísticas, musicais, as festas populares, os rituais religiosos e ancestrais, a capoeira, o jongo, o samba, o semba (Angola), o funaná (Cabo Verde), o toré. Todas essas ações e manifestações são compreendidas aqui como corpoéticas capazes de modificar contextos, lugares, trajetórias, histórias, realidades.

Por outro lado, não podemos deixar de mencionar, nem descartar, a noção de “periferia”. Dentro do contexto social, as corpoéticas insurgentes e periféricas, de matriz afro-brasileira e indígena, possuem uma amplitude histórico-artístico-social, isto é, essas corpoéticas encontram diferentes formas de ser e acontecer, como os movimentos corporais, o canto, a fala, as narrativas, as vestimentas e o modo de se vestir, a teatralização, a música e o ritmo, a percussão, o artesanato, a ritualização dos espetáculos, a ocupação física e cultural de espaços urbanos marginalizados, abandonados, esquecidos, a oralidade, o canto, os gestos e o uso de imagens como principais formas de comunicação.

Dessa forma, é comum, atualmente, encontrarmos rodas e treinos de capoeira, rodas de tambor de crioula, rodas de jongo, ou ensaios de grupos de percussão afro-brasileira, em espaços marginalizados pelas elites econômicas das cidades, como praças em bairros mais pobres, quadras esportivas em favelas e morros, casarões históricos e prédios abandonados pelo poder público, na frente de feiras alimentícias e de artesanato.



Figura 1- Roda de Tambor de Crioula em São Luís, Maranhão. Disponível em: <http://ilumineoprojeto.com/patrimonio-cultural-imaterial-no-brasil-lista-representativa-e-disciplinas-nomeadas-pela-unesco-como-patrimonio-da-humanidade-parte-iii/>. Acesso em: 30 mar. 2022.

As corpoéticas insurgentes e contra-hegemônicas se nutrem dos espaços urbanos marginalizados e renegados ao descaso, porque, esta condição se conecta às histórias de vida e luta de pessoas e coletivos que, em sua maioria, nasceram e vivem em lugares considerados como periferias, favelas, palafitas e morros. Estas necessárias ocupações dos espaços urbanos por meio das artes do corpo, ou através dos eventos e espetáculos culturais, promovem a transformação física do espaço e das comunidades, bem como proporcionam transformações da realidade sócio-política dos moradores destas áreas-territórios periféricos.

Não existem dúvidas do poder transformador e de resignificação da existência por parte das ações culturais, artísticas, festivas e ritualísticas, que, aqui, optamos por denominar de corpoéticas. A insurgência, a rebeldia está em continuar promovendo tais ações, eventos e espetáculos, mesmo sem apoio público, mesmo sem reconhecimento do Estado, ou sem o apoio do mercado privado, em localidades, consideradas violentas e pobres, que foram marginalizadas e invisibilizadas, que são as periferias. Os corpos negros, os corpos indígenas, e os corpos dos trabalhadores e trabalhadoras insurgem a partir de suas próprias tradições, costumes e artes, de forma a darem continuidade às suas próprias vidas, memórias e histórias, de resistir e de lutarem, não só através das armas e dos punhos, mas através das suas culturas, da sua arte, da música, da palavra, das imagens. Suas corpoéticas revelam suas identidades, seus modos de ser e cosmovisões ancestrais, revelam a força e a magia dos seus saberes e filosofias, formando novas gerações de lideranças, mestres/as, artistas, griôs e caciques.

É preciso dizer também que as corpoéticas afro-brasileiras e indígenas, periféricas, ou produzidas por grupos ou coletivos culturais, constituem-se, em muitos casos, a partir do notório saber de mestres/mestras, do conhecimento dos sábios/sábias, dos mais velhos e das mais velhas. Essa sabedoria empírica, popular e ancestral é circular, dialética e histórica. Um conhecimento empírico que nasce do viver, do experimentar no cotidiano, na repetição do tempo e da ação, e que, ao ser transmitido para as gerações mais novas, se perpetua-se e se consolida como saber essencial compartilhado entre muitos/muitas enquanto coletivo. As corpoéticas periféricas, afro-brasileiras e indígenas são fruto desse notório saber, assim como contribuem

para a própria continuidade e disseminação desse conhecimento empírico (cotidiano) e ancestral.

Para concluir, não podemos deixar de lembrar que, nas periferias, não tem teatro, não tem museu, não tem biblioteca, nem cinema, e, às vezes, nem escola (REYES, 2013). E, quando as elites acreditam ou imaginam que de um lugar pobre e periférico, cheio de negros/as e pardos/as e trabalhadores (as), não vai sair nada de bom, então surgem pessoas, coletivos e grupos que insurgem com sua arte, com suas performances artísticas, com sua criatividade, seus grafites, sua música e seus saberes, e com seus corpoemas transformando a sua realidade e redefinindo suas próprias existências e caminhos.

REFERÊNCIAS:

BERNADINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGUÉL, Ramón (org.). **Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico**. Coleção Cultura negras e identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

CASTRO-GOMES, Santiago; GROSGUÉL, Ramón (org.). **El Giro Decolonial: Reflexiones Para Una Diversidad Espistêmica Más Allá Del Capitalismo Global**. Bogotá: Siglo Del Hombre, 2007.

DURÃO, Fábio Akcelrud; VAZ, Alexandre Fernandes; ZUIN, Antônio (org.). **A Indústria cultural hoje**. São Paulo: Boitempo, 2008.

FANON, Franz. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2006.

GILROY, PAUL. **O Atlântico Negro**. São Paulo: Editora 34, 2012.

MACHADO, Adilbênia Freire. **Ancestralidade e Encantamento como Inspirações Formativas: Filosofia Africana e Práxis de Libertação**. Revista Páginas de Filosofia, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 51-63, jul./dez. 2014.

MELO, Salvio Fernandes. **Experimentação corpoética no Tambor de Crioula. Arte, vida e a vida como obra de arte**. ENTRERIOS - Revista do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Piauí, v. 4, n. 1, p. 77-95, 2021.

MELLO, Ivan Maia de. **Corpoema: a vida como obra de arte**. Curitiba: Appris, 2020.

..... **Nomadismo Corpoético**. Z Cultural - Revista do Programa Avançado de Cultura Contemporânea, Rio de Janeiro, ano IX, 2015. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/nomadismo-corpoetico-ivan-maia/>. Acesso em: 20/10/2021

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**. São Paulo: Perspectiva, 2020.

NASCIMENTO, Washington (org.). **Antônia Onça e o Mestre em Amansar Brancos**. Rio de Janeiro: Autografia/FAPERJ, 2021.

NDLOVU-GATSHENI, Sabelo J.; ZONDI, Siphamandla (ed.). **Decolonizing the University, Knowledge systems and disciplines in África**. Durham: Carolina Academic Press, 2016.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim Falou Zaratustra: um livro paratodos e para ninguém**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2018.

REYES, Alejandro. **Vozes dos Porões: A Literatura Periférica/Marginal do Brasil**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.

SILVA, Pamela Lacorte da. **Diáspora Africana no Brasil - A Música Negra como Fruto de Identidade**. Revista **ÂNDÉ-Ciências e Humanidades**, São Bernardo do Campo, v.2, n.1, p. 136-147, 2018.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o Subalterno Falar?**. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 2014.

TOWA, Marcien. **A ideia de uma filosofia negro africana**. Belo Horizonte/Curitiba: Nandalaya/NEAB-UFPR, 2015.

VALENTE, Rubens. **Os Fuzis e as Flechas: História de Sangue e Resistência Indígena na Ditadura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

VAZ, Sergio Apud REYES, Alejandro. **Vozes dos Porões: A Literatura Periférica/Marginal do Brasil**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.